

In/exclusão no trabalho e na educação

Bianchetti, Lucídio, & Correia, José Alberto (2011). *In/exclusão no trabalho e na educação: aspectos mitológicos, históricos e conceituais*. São Paulo: Papirus Editora.

De acordo com Acácia Kuenzer, professora na Universidade Federal do Paraná, a *exclusão incluyente* e a *inclusão excluyente* constituem a nova forma de dualidade estrutural que objectiva as novas relações entre educação e trabalho. Bianchetti e Correia tomam esta asserção como mote para o livro que escreveram em parceria. Este mote revela-se extraordinariamente adequado ao dinamismo e complexidade que atravessam toda a obra. Nela, a apresentação daquilo *que é* está sempre acompanhada da análise daquilo *que o fez tal como é*. Nessa medida, é evidente um entendimento não naturalista, não determinista da realidade social. Os próprios autores assinalam isto mesmo quando, na página 156, citando Brecht, afirmam ser crucial que não se naturalize o que é histórica e socialmente produzido, cultivando ao invés o olhar do estranhamento. Este distanciamento, que não significa ausência de implicação no mundo concreto dos sujeitos humanos, permite aos analistas elevarem-se numa perspectiva panorâmica que articula, de forma original, elementos que cruzam diferentes espaços e tempos. Isto é absolutamente claro na análise que fazem daquilo que constitui o tema central desta obra – a relação entre a educação e o trabalho, tema relativamente ao qual o seu entendimento se situa bem para lá das aparências e das máscaras em que o mundo actual é pródigo. Com efeito, este livro, vasto nos elementos históricos mobilizados (da cosmogonia greco-romana à actualidade), singular na mundo-visão proposta, coloca KO o discurso actualmente dominante que afirma uma relação simplista e linear entre a educação e o trabalho, na qual a primeira existiria para satisfazer o segundo e, mais ainda, constituiria uma panaceia para todos os males que afectam o mundo laboral.

A análise da relação entre trabalho e educação é enquadrada por um fascinante exercício de, com recurso à mitologia greco-romana, mostrar a antiguidade e continuidade dos processos de inclusão/exclusão e respectivas representações. De facto, olhando simultaneamente para os casos de Filoctetes e Hefesto e para o mundo actual, quase parece que tais processos constituem uma invariante antropológica...

Trata-se, no fundo, de iluminar os processos através dos quais o excluído pode vir a ser incluído, mas numa inclusão que parece ser sempre de segunda classe e, além do mais, exigir sempre uma compensação ou uma demonstração de que, apesar da sua deficiência, da sua falha, do seu pecado, é apesar de tudo merecedor de alguma inclusão (embora não de uma absolvição completa). Nesta medida, a temática da inclusão/exclusão é acompanhada, e até mesmo eventualmente suplantada ao longo do texto, pelo relevo conferido especificamente à problemática da desigualdade e da injustiça sociais. A este facto não será evidentemente alheio o posicionamento dos autores numa perspectiva marxiana. A pobreza e a desigualdade merecem portanto aqui uma abordagem bem distinta daquela que lhes é proporcionada pelo discurso dominante, na qual ou são relegadas para um silêncio ensurdecedor ou entendidas como objectos da caridade assistencial, mais do que como reflexos de uma dada organização social (atente-se, em Portugal, no carácter do recente Plano de Emergência Social).

A largueza de horizontes inscrita neste trabalho radica também na sua natureza profundamente inter ou transdisciplinar – da história à sociologia, passando pela educação, economia, literatura, psicologia e filosofia –; este é um trabalho que

transcende as fronteiras disciplinares, o que só é possível porque os autores não só dominam conteúdos delimitados por essas fronteiras como construíram e apresentam, de facto, um pensamento coerente acerca do mundo.

No âmbito desta recensão sou compelido a assumir um tom mais pessoal e a dizer que a leitura deste livro me proporcionou uma verdadeira viagem. Melhor, duas viagens: uma viagem *para a frente*, na abertura de portas na interpretação do mundo – e, mais importante ainda, talvez, na conceptualização da relação com o mundo; e uma viagem *para trás*, na recordação e actualização de outros trabalhos significativos que li há mais tempo. No meu caso em particular, encontrei articulações com quatro obras que me marcaram fortemente: *Les Anormaux*, de Michel Foucault (1999); *Symbolic Interactionism*, de Herbert Blumer (1969); *A Corrosão do Carácter*, de Richard Sennett (2001), e *Le Normal et le Pathologique*, de Georges Canguilhem (1999). Sinceramente, não me recordo de outro livro cuja leitura me remetesse de forma tão densa e profunda para obras que para mim foram/são tão centrais. Considero que este facto é tanto mais digno de nota quanto essas quatro obras são razoavelmente diversas em termos dos temas tratados, da origem geográfica e das datas de produção.

Com *Les Anormaux* (Foucault, 1999), identifico a articulação com um entendimento dinâmico e complexo do poder. Recorde-se que para Foucault não existe uma racionalidade do poder em geral, mas antes diversas racionalidades, e que o poder não é visto como um elemento que se adquire, mas antes como uma relação que se exerce a partir de um sem-número de pontos. A obra de Bianchetti e Correia inscreve-se também no entendimento de que o poder e o saber são as duas faces dos processos de normalização e regulação social. A emergência das ciências sociais e humanas é aliás indelével deste facto, que as coloca na ambígua posição de serem simultaneamente instrumentos de emanci-

pação e de controlo social. Atente-se, neste sentido, no facto de as ciências sociais e humanas tomarem muito mais facilmente como objecto (sujeito?) de estudo os pobres, os excluídos e os delinquentes do que os ricos e poderosos. A vontade de conhecer os grupos das margens é alimentada pelo desejo de intervir sobre esses grupos, sendo que o exercício do poder constitui, claramente, uma barreira ao exercício do olhar das ciências sociais e humanas. Daí que a *defesa da sociedade* de que Foucault nos fala acabe por se constituir como uma missão central das ciências sociais e humanas.

Embora não lhes faça referência, a análise de Bianchetti e Correia segue de perto as três premissas centrais do interacçãoismo simbólico tal como apresentadas por Herbert Blumer em *Symbolic Interactionism*:

A primeira premissa é a de que os seres humanos actuam perante as coisas com base nos significados que estas têm para eles. (...) A segunda premissa é a de que o significado dessas coisas deriva, ou surge, da interacção social estabelecida com os outros parceiros sociais. A terceira premissa é a de que esses significados são tratados e transformados através um processo interpretativo que as pessoas utilizam ao lidarem com as coisas que vão encontrando (1969: 2).

A proximidade com o interacçãoismo não será surpreendente dada a já referida recusa da naturalização dos fenómenos sociais. O que há aqui de particularmente interessante é o facto de esta lógica construcionista ser mais frequentemente aplicada em estudos empíricos de carácter micro do que em ensaios de âmbito tão alargado quanto este de Correia e Bianchetti.

Por sua vez, *A Corrosão do Carácter*, de Richard Sennett (2001) (o único dos quatro livros que refiro que é citado por Bianchetti e Correia), lida com a questão da continuada centralidade do trabalho em sociedades nas quais há cada vez menos emprego.

A consideração deste paradoxo percorre o desenvolvimento de ambas as obras, tal como a crítica ao neoliberalismo dominante que aspira a – e por vezes parece conseguir – ascender ao estatuto de pensamento único. Nesse processo de homogeneização corroem-se qualidades de carácter como a lealdade e a gratificação retardada, em boa parte radicadas e promovidas por entendimentos anteriores da natureza e do valor do trabalho, que vinculavam os seres humanos uns aos outros e lhes conferiam maior segurança ontológica. A corrosão do carácter merece provavelmente ser relacionada com a emergência de novas configurações da in/exclusão, e o trabalho de Correia e Bianchetti aponta para pistas nesse sentido.

Por fim, relativamente a *Le Normal et le Pathologique*, de Canguilhem (1999), tomo a liberdade de o citar de modo extenso:

Anomalia vem do grego *anomalía*, que significa desigualdade, aspereza; *omalos* designa em grego aquilo que está unido, igual, liso, de tal forma que, etimologicamente, anomalia é *an-omalos*, significando o que é desigual, rugoso, irregular, no sentido que damos a esses termos quando falamos de um terreno. Ora, somos frequentemente enganados quanto à origem do termo anomalia derivando-o, não de *omalos*, mas de *nomos*, que significa lei, segundo a composição *a-nomos*. (...) Ora, o *nomos* grego e a *norma* latina possuem sentidos próximos, lei e regra tendem a confundir-se. Assim, em todo o rigor semântico, anomalia designa um facto, é um termo descritivo, enquanto que anormal implica a referência a um valor, tratando-se de um termo apreciativo, normativo (1999: 81).

Devido a um uso menos correcto da gramática, os sentidos de anomalia e anormal acabaram por se confundir, tornando-se *anormal* um conceito descritivo e *anomalia* um conceito normativo. A subtilidade da análise de Canguilhem (1999), desmontando elementos cuja evidência é apenas aparente, encontra frequentemente eco no tipo de observações desenvolvidas por Bianchetti e Correia, muito particularmente no que se refere à identificação das dinâmicas profundas dos processos geradores de exclusão e desigualdade.

Para terminar assinalo-se que, sendo este livro no essencial uma compilação de artigos anteriormente publicados por cada um dos autores, acrescidos de uma apresentação dos seus temas centrais, apresenta contudo uma coerência assinalável, uma relação perfeitamente definida com o mundo. Deixo assim um desafio aos autores: porque não tomar esta obra como ponto de partida para um livro integralmente escrito em conjunto?

Tiago Neves

CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, FPCEUP

Referências bibliográficas

- Blumer, Herbert (1969). *Symbolic interactionism – Perspective and method*. New Jersey: Prentice-Hall.
Canguilhem, Georges (1999). *Le normal et le pathologique*. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France.
Foucault, Michel (1999). *Les anormaux – Cours au Collège de France, 1974-1975*. Paris: Gallimard/Le Seuil.
Sennett, Richard (2001). *A corrosão do carácter*. Lisboa: Terramar.